



**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL
FACULDADE STBNB - BACHAREL EM TEOLOGIA**

WESLEY SEVOLO DOS SANTOS

**A REVELAÇÃO DIVINA NO TEXTO VETEROTESTAMENTÁRIO: CONDIÇÃO
DETERMINANTE NA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE MISSÕES**

RECIFE

2023

WESLEY SEVOLO DOS SANTOS

**A REVELAÇÃO DIVINA NO TEXTO VETEROTESTAMENTÁRIO: CONDIÇÃO
DETERMINANTE NA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE MISSÕES**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao
Curso de Bacharel em Teologia, da Faculdade
Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil –
FSTBNB, em Recife, como requisito para
obtenção do título de Teólogo.
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Robson Luiz

RECIFE

2023

TERMO DE APROVAÇÃO
FACULDADE STBNB
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

WESLEY SEVOLO DOS SANTOS

**A REVELAÇÃO DIVINA NO TEXTO VETEROTESTAMENTÁRIO: CONDIÇÃO
DETERMINANTE NA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE MISSÕES**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Teologia da
Faculdade STBNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Teologia.**

APROVADO EM de junho de 2023.

Prof. Dr. RONALDO ROBSON LUIZ
Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Senhor que é digno de receber toda honra e toda glória, o Deus Eterno, porque dele e para Ele são todas as coisas. Louvo ao meu redentor que me permitiu, por meio da sua graça chegar até o presente momento. Dedico também a minha Avó, Maria Isabel dos Santos que durante toda a minha vida foi minha mãe e meu suporte em todos os tempos. As minhas amadas Igrejas, Primeira Igreja Batista em Calumbi, representada pelo Pastor Sindomar Pereira e também o Missionário José Erivan. E a Igreja Batista do Córrego do Jenipapo representada pelo meu querido amigo e Pastor Valdevan Lucas, pelo investimento e por acreditar na vocação desse jovem seminarista. Deus é bom em todo tempo, em todo tempo Deus é bom.

AGRADECIMENTOS

Ebenezer, “Até aqui nos ajudou o Senhor”. Agradeço ao meu Amado que me tirou daquele acidente, olhou para a minha vida como uma casa em obras e continuou o seu trabalho e “essa morada um dia será perfeição. De todos os versos e poesias que eu poderia dizer em forma de agradecimento, esta gratidão é compreendida “pela janela da minha alma que são esses meus olhos que brilham e uma coisa ela mostra: Quem a ilumina é o Amado”. Se não fosse o Eterno eu não teria chegado até o presente momento, Ele é fiel em todo tempo, desde o chamado ao acidente, do primeiro dia de aula ao último agradeço ao meu Refúgio e Fortaleza.

Agradeço pela vida da minha avó, Maria Isabel dos Santos que foi mãe durante todo o tempo da minha curta vida. Ela me ajudou a ser forte quando eu quis desistir, ela me manteve de pé através das suas orações. Ela me incentivou a caminhar mesmo estando longe, quando na realidade ela me queria por perto. A gratidão permeia o meu coração por tê-la em ao meu lado em todos os momentos, dos bons aos ruins nunca faltou o seu carinho e o seu amor. Agradeço aos demais familiares, tios, tias, irmãos que contribuíram incisivamente, como é bom contar com vocês, eu os amo incondicionalmente.

Agradeço as minhas Igrejas PIB Calumbi e Igreja Batista do Córrego do Jenipapo, pelo investimento, pela confiança que tiveram na vida deste jovem vocacionado. Desde o início, os amados irmãos foram instrumentos do Senhor na minha vida. Desde palavras a ações, sou grato a Deus por cada um de vocês, a saber, Irmã Diomar, Irmão Nei, Irmã Adivania, Vilma, Luzinete, Nair (in memorian), Dione, Joselania, Celeste, Fátima, meu professor José Gomes e a Irmã Heloísa. Vocês foram cruciais nessa jornada.

Agradeço aos meus queridos pastores e missionário. Pastor Valdevan Lucas, servo bom e fiel que foi meu pastor e amigo, conselheiro e orientador. Pastor Sindomar Pereira que enxergou em mim o chamado para tão sublime ministério. O missionário e amigo José Erivan, meu discipulador e sua esposa Missionária Lucineide Lopes. E o missionário Davi, servo humilde que abraçou e me incentivou nessa caminhada.

Agradeço ao meu querido professor e Pastor Ronaldo Robson Luiz que aceitou peregrinar comigo nessas orientações para que eu pudesse produzir um trabalho excelente, sem as suas orientações e a paciência esse trabalho não teria passado

do projeto. Valeu a pena cada direcionamento que tornou possível a concussão deste.

Por fim, agradeço as amigas de trabalho, Neide e Rejane, amigas fieis. Aos amigos do internato, Luciano Rodrigues e Pedro Osano. Assim como os meus amigos missionários do Sertão Sem Fronteiras, Adauto, Kauã, Priscilla e Daniel. Destaco a relevância desse projeto no meu chamado. Todos vocês foram importantíssimos nesse processo.

Esperar em Ti é sempre caminhar.

*Estou certo de que aquele que começou a boa obra em
você há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus. Fp 1:6*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar como a revelação divina no texto veterotestamentário foi importante na origem e desenvolvimento de missões. Buscamos nessa pesquisa responder ao seguinte questionamento: Como o Antigo Testamento aborda temática de missões a partir da aparição de Deus ao seu povo? Esse tema tem sido estudado por teólogos, pastores, pesquisadores, como: Kaiser Jr (1984); Peters (2000); Wright (2012); Erikson (2015); Reinke (2019) e Won (2020), que tem desenvolvido estudo nessa temática contribuindo para o seu desenvolvimento na área de Antigo Testamento. Desse modo, traçando os objetivos, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica necessária para realizar esse tipo de pesquisa. Logo, é necessário fazer o levantamento dos temas e tipos de abordagens já trabalhadas por outros estudiosos. Para Lima e Miotto (2007, p.38) a pesquisa bibliográfica implica em: "um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório." Portanto, para assimilação dos conceitos abordados é importante explorar e selecionar materiais já selecionados e conhecidos em bibliotecas, editoras e internet. De acordo com Oliveira (2010, p. 69) diz: "É uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como: livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos." Nessa perspectiva, propomo-nos, nesse trabalho, a entender como se originou e se desenvolveu a atividade missionária no Antigo Testamento a partir da revelação de Deus ao seu povo e a sua responsabilidade em disseminar esse conhecimento a eles exposto.

Palavras-chave: Revelação Divina. Veterotestamentário. Missões.

ABSTRACTS

The present work aims to identify how divine revelation in the Old Testament text was important in the origin and development of missions. In this research, we seek to answer the following question: How does the Old Testament address the theme of missions through God's appearance to His people? This topic has been studied by theologians, pastors, and researchers such as Kaiser Jr (1984), Peters (2000), Wright (2012), Erikson (2015), Reinke (2019), and Won (2020), who have contributed to the development of this theme in the field of Old Testament studies. Thus, outlining the objectives, we conducted a necessary bibliographic research to carry out this type of study. Therefore, it is necessary to survey the themes and types of approaches already addressed by other scholars. According to Lima and Mito (2007, p.38), bibliographic research implies "an ordered set of procedures for searching for solutions, attentive to the object of study, and therefore, it cannot be random." Therefore, in order to assimilate the concepts addressed, it is important to explore and select materials already available in libraries, publishers, and the internet. According to Oliveira (2010, p. 69), it is "a modality of study and analysis of documents within the scientific domain, such as books, encyclopedias, periodicals, critical essays, dictionaries, and scientific articles." In this perspective, in this work, we propose to understand how missionary activity originated and developed in the Old Testament through God's revelation to His people and their responsibility to disseminate this knowledge that was revealed to them.

Keywords: Divine revelation, Old Testament, missions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 - CONCEPÇÃO DE REVELAÇÃO DIVINA	13
1.1 Conceito de Revelação	13
1.2 Revelação Divina: Considerações iniciais	16
1.2.1 Revelação Geral	18
1.2.2 Revelação Especial	20
1.3 A Revelação no Antigo e no Novo Testamento	22
2 - ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE MISSÕES NO TEXTO VETEROTESTAMENTÁRIO	23
2.1 Concepção do termo missões	23
2.2 Noção do envio no Pentateuco	25
2.2.1 O chamado de Abraão	27
2.2.2 – O envio de José	29
2.2.3 – A comissão de Moisés	30
2.3 Como o profetismo bíblico expõe a origem e desenvolvimento de Missões	30
3 - RELAÇÃO DA REVELAÇÃO DE DEUS NA DIÁSPORA JUDAICA COMO DETERMINANTE NA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE MISSÕES	33
3.1 A Diáspora Judaica e seu vínculo na gênese de Missões	34
3.2 O Profetismo pós – exílico como condição determinante no desenvolvimento de Missões	36
3.3 - Relação da Revelação divina como determinante na origem de Missões	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	455

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo identificar como a revelação divina no texto veterotestamentário foi importante na origem e desenvolvimento de missões. Buscamos nessa pesquisa responder ao seguinte questionamento: Como o Antigo Testamento aborda temática de missões a partir da aparição de Deus ao seu povo? Esse tema tem sido estudado por teólogos, pastores, pesquisadores, como: Kaiser Jr (1984); Peters (2000); Wright (2012); Erikson (2015); Reinke (2019) e Won (2020), que tem desenvolvido estudo nessa temática contribuindo para o seu desenvolvimento na área de Antigo Testamento.

Desse modo, traçando os objetivos, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica necessária para realizar esse tipo de pesquisa. Logo, é necessário fazer o levantamento dos temas e tipos de abordagens já trabalhadas por outros estudiosos. Para Lima e Miotto (2007, p.38) a pesquisa bibliográfica implica em: "um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório." Portanto, para assimilação dos conceitos abordados é importante explorar e selecionar materiais já selecionados e conhecidos em bibliotecas, editoras e internet.

De acordo com Oliveira (2010, p. 69) diz: "É uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como: livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos." Nessa perspectiva, propomo-nos, nesse trabalho, a entender como se originou e se desenvolveu a atividade missionária no Antigo Testamento a partir da revelação de Deus ao seu povo e a sua responsabilidade em disseminar esse conhecimento a eles exposto.

Esse estudo está desenvolvido em três capítulos, e estão dispostos dessa forma:

No primeiro capítulo, buscamos compreender a concepção de revelação divina, levando em conta o seu significado através dos textos tanto no Antigo quanto no Novo Testamento e também a distinção entre as formas que se deu a exposição divina ao longo da história. Em síntese, esse capítulo aborda as formas como o verbete "revelação" é trabalhado ao longo do texto bíblico.

O segundo capítulo analisamos a concepção de missões buscando encontrar seu surgimento no texto veterotestamentário. Após exposto essa ideia notamos como ocorreu os primeiros envios no pentateuco, através da vida de Abraão, José e Moisés e como eles são determinantes para compreendermos a missão do povo de Deus no A.T. Finalizando com a relevância do profetismo bíblico na origem e desenvolvimento de missões, ou seja, como a tradição profética ajudou a disseminar a mensagem de crença em Javé.

O Terceiro capítulo, finalizamos com a proposta desse trabalho de unir a revelação divina a missões. Nesse capítulo compreendemos como o entendimento que temos hoje de fazer missões é melhor percebido através dos judeus na diáspora, bem como dos profetas pós-exílicos. Logo, a aparição de Javé a eles é fator crucial para que eles fizessem oráculos de esperança que fosse motivo de testemunho para as outras nações.

Todo esse trabalho é fruto de pesquisa bibliográfica e não finaliza aqui, visto que o tema é bem amplo, tratamos de um breve resumo sobre o tema que serve de base e material de estudo para quem se interessar por essa temática.

1 - CONCEPÇÃO DE REVELAÇÃO DIVINA

Neste capítulo será abordado as questões relacionadas ao conceito de revelação, bem como as considerações iniciais da revelação divina, sendo estas: Revelação Geral e Revelação Especial. Após essa conceituação, será exposto a noção de revelação divina de acordo com o Antigo e o Novo Testamento respectivamente.

Para o entendimento da concepção da revelação divina, compete ao ser humano discernir que sua mente é limitada, e assim sendo, nunca irá compreender plenamente o conhecimento de Deus, visto que Deus é infinito. Se os homens quiserem conhecer a Deus, tal conhecimento deverá ocorrer pela iniciativa do próprio Deus em se revelar. Berkhof (2012, p.25) diz que:

O homem só pode conhecer a Deus na medida em que Este ativamente se faz conhecido. Deus é, antes de tudo, o sujeito que transmite conhecimento ao homem, e só pode tornar-se objeto de estudo do homem na medida em que este assimila e reflete o conhecimento a ele transmitido pela revelação. Sem a revelação, o homem nunca seria capaz de adquirir qualquer conhecimento de Deus. E, mesmo depois de Deus ter-se revelado objetivamente, não é a razão humana que descobre Deus, mas é Deus que se descerra aos olhos da fé.

Atentar ao fato de que Javé é que toma a iniciativa de se revelar, nos ajudará a entender como esta maneira de apresentar-se na história aconteceu. Inicialmente abordaremos as definições que estão ligadas a essa palavra, tanto no texto hebraico, quanto no texto grego.

1.1 Conceito de Revelação

Interessa-nos nesse momento conceituar a palavra revelação, pois a compreensão do significado desse termo ajudará a entender sua aplicação no campo teológico e como a Escritura Sagrada trata esse vocábulo.

Assim, quando falamos de revelação, denota a ideia de um ato ou efeito de revelar algo que estava oculto, desvendar, revelação de um segredo, a fim de que possa ser visto conhecido ou demonstrado de acordo com o que realmente é. De acordo com Douglas (2006, p.1162):

A ideia da Revelação vem da palavra portuguesa “revelar”, derivada do latim *relevo*, é geralmente a tradução do termo hebraico *galah* e do termo grego *apokalypso*, que corresponde a *galah* na LXX e no Novo Testamento. As

palavras *galah*, *apocalypto*, expressam todas a mesma ideia – a de desvendar alguma coisa oculta.

O vocabulário de Revelação, tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo Testamento é bastante amplo. Dessa forma iremos analisar os conceitos das referidas palavras, analisando seus conceitos nos textos originais, sendo estes o hebraico e o grego que são as principais fontes dos dois testamentos contidos na Bíblia. Como visto acima, a raiz primitiva da palavra hebraica usada é גָּלָה (*gālāh*) que de acordo com Schökel (1997, p.138) significa “descobrir, desvelar, revelar, destampar, manifestar, mostrar, publicar”. Trata-se de um verbo que expressa a ideia de revelar, ser revelado.

Pela abrangência dessa palavra observamos no Antigo Testamento, vários usos, não necessariamente teológicos, para *gālāh*. Como expresso no Dicionário Hebraico – Português esse termo traz a ideia de “desnudar-se”. Observamos o emprego deste vocábulo em Gênesis 9: 21 “E bebeu do vinho e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda”. Neste caso traz a ideia de descobrir o corpo. Baker e Carpenter (2003, p.80) “por vezes, essa palavra é usada na expressão descobrir a nudez de alguém, o que frequentemente sugere relações sexuais”. O texto de Levítico 18: 6 – 9 fala exatamente sobre isso, vejamos o que diz a passagem:

Nenhum homem se chegará a qualquer parenta da sua carne para *descobrir* a sua nudez. Eu sou o Senhor. Não *descobrirás* a nudez de teu pai e de tua mãe; ela é tua mãe. Não *descobrirás* a sua nudez. Não *descobrirás* a nudez da mulher de teu pai. A nudez da tua irmã, filha de teu pai u filha da tua mãe, nascida em casa ou fora de casa, a sua nudez não *descobrirás*.

Notamos aqui alguns dos significados que essa expressão hebraica denota, mas há ainda outros significados não relacionados ao corpo. Davidson (2018, p.304) associa-a a ideia de “ser exposto, seja uma cidade ou uma nação, emigrar, ir ou ser levado cativo”. Todavia, aqui é usado uma derivação da sentença, e ao invés do hebraico, quando se trata de transportar, como foi usado por Davidson, o verbo usado encontra-se no aramaico גָּלָה (*g^elāh*), palavra esta usada para aqueles que foram deportados para a Babilônia.

Baker e Carpenter (2003, p.80) fala que “no Livro de Daniel, o significado é expor ou revelar. Na História dos sonhos de Nabucodonosor, Deus é mostrado como aquele que revela coisas ocultas, especificamente o significado dos sonhos.” Em Daniel 2: 22, 28, 29 e 47 vemos essa conotação, tais textos dizem:

Ele revela o profundo e o escondido e conhece o que está em trevas; e com ele mora a luz. Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias; o teu sonho e as visões da tua cabeça na tua cama são estas: Estando tu, ó rei, na tua cama, subiram os teus pensamentos ao que há de ser depois disto. Aquele, pois, que revela os segredos te fez saber o que há de ser. Respondeu o rei a Daniel e disse: Certamente, o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos, pois pudeste revelar este segredo.

Compreendemos, então, que seja no sentido de expor, mostrar, desnudar, revelar, esse vocabulário é bastante lato, e foi mostrado os diversos usos desse verbete ao longo do A.T. Vamos, agora, analisar seus usos e definições a partir do olhar do Novo Testamento. Strong (1992, p.62), em seu Dicionário do Novo Testamento apresenta tanto o verbo *apokalupto* (*apocaliptō*) revelar, quanto o substantivo *apokaluyij* (*apocalipsis*) revelação a fim de conceituar as ações reveláveis descritas no texto neotestamentário. Segundo o autor, no N.T, o verbo pode ser usado de forma metafórica no sentido de trazer à luz (STRONG 1992, p.65). Conforme ele, algumas passagens bíblicas traz o seu sentido de acordo com o contexto. Em Lucas 2:35, a palavra usada é “manifestem”, e o verbo na voz passiva refere-se as coisas que se tornam conhecidas pelos seus efeitos. Há também a ideia das coisas reveladas acerca de Deus, onde estas são ensinadas, comunicadas pelo seu Espírito e sua influência. E também, relacionada ao verbo, o sentido de aparecer, todavia relacionado ao Anticristo, como visto em 2 Tessalonicenses 2:3 “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se *manifeste* o homem do pecado, o filho da perdição”.

A mesma abrangência no significado é percebido no substantivo *apocalipsis*, de acordo com Strong (1992, p.65), o novo testamento também é usado de forma metafórica para expressar “a remoção do véu da ignorância e da escuridão pela a transmissão da luz e do conhecimento”. Esse termo refere-se a algo que era desconhecido e oculto fazendo referência aos mistérios e propósitos divinos. Assim como no Antigo Testamento, o Novo testamento da mesma forma o associa a ideia de descobrir a nudez. Todavia, o fato mais marcante relacionado a *apocalipses*, diz respeito ao último livro do N.T, que carrega este nome, associando a eventos futuros. Ainda há outras palavras, gregas, neotestamentárias que expressam a ideia de revelação, conforme Douglas (2006, p. 162) são elas:

Phaneroo “manifestar, deixar claro”; *epiphaino* “exibir” (substantivo *epiphaneia*, “manifestação”); *deiknuo*, mostrar; *exegeomai* “desdobrar, explicar por narração; *chrematizo*, “instruir, admoestar, advertir” (usado no grego secular a respeito de oráculos divinos) e o substantivo, *chrematismos* “resposta de Deus”.

Como dito anteriormente, esses verbetes tem um amplo significado dentro da própria Escritura, dessa forma é necessário apontar quais são seus significados e aplicações para avançarmos na assimilação da revelação com a perspectiva do divino. O dicionário Aurélio define revelação como “ação divina que comunica aos homens os desígnios de Deus e a verdade que estes envolvem, sobretudo através da palavra consignada nos livros sagrados”. Dessa forma, é a partir da percepção do lexema aqui apresentado que avançaremos para as formas de como o texto veterotestamentário expõe a revelação divina.

1.2 Revelação Divina: Considerações iniciais

Compreender o tema da revelação divina, parte, na maioria das vezes de questionamentos relacionados, a quem Deus é, e como podemos conhecer a Deus. “A busca do ser humano por Deus envolve atitude de pesar cuidadosamente as evidências que encontramos no mundo natural dentre as quais estão a razão e a consciência” (McGrath 2005, p.245). No entanto, apesar de tais buscas, apesar das evidências encontradas no mundo, a tarefa de saber quem é Deus na sua totalidade, ou de conhece-Lo plenamente jamais será possível a razão e/ou a mente humana. ‘Deus habita em luz inacessível, de modo que nenhum homem o viu, nem o pode ver’ (1Tm 6,16). Se o divino fosse captado ou a mente humana suportasse tal conhecimento referente ao Eterno, Deus deixaria de ser quem ele é, não seria ele perfeito, antes porém seria um Deus deficiente, imperfeito seja em sabedoria ou poder, Hodger (2001, p.27). Ou seja, Deus seria limitado pela mente humana. Todavia, não há como o finito, saber na integralidade a respeito do Finito. Segundo McGrath (2005 p.245) “a natureza humana possui capacidades humanas limitadas, sendo, portanto, incapaz de discernir a existência ou a natureza de Deus. É necessário que se diga à humanidade como Deus é.” De um lado temos o Deus Incompreensível, contudo Cognoscível, Ele pode ser conhecido pela forma que ele decidiu se revelar e conhece-lo é um dos requisitos absolutos para a salvação. Berkhof (1990, p. 21):

Os primitivos pais da igreja, assim chamados, falavam do Deus invisível como um Ser não gerado, indenominável, eterno, incompreensível, imutável. Eles tinham ido bem pouco além da antiga idéia grega de que o Ser Divino é existência absoluta e sem atributos. Ao mesmo tempo, eles confessavam que Deus revelou-se no Logos e, portanto, pode ser conhecido para a salvação.

O autor nos mostra a visão dos pais da Igreja acerca de como eles lidavam com o divino, estando Este além da realidade humana, mas que se faz conhecido e necessariamente, conhecer levaria a noção de salvação. Este é o conceito cristão do tema revelação, “Deus opta por se fazer conhecido e torna isso possível por meio de sua auto-revelação na natureza e na história” (McGrath 2005, p.245). Notadamente percebemos que o homem pode ter conhecimento, ainda que em parte, de Deus, e comprovado esse fato, é percebido também que tal acontecimento só torna-se possível porque “Deus, de Sua parte, voluntariamente resolveu, de alguma forma, fazer-se conhecido ao homem” (Bavink 1997, p. 33). Conhecimento, implica relacionamento, não é só saber a respeito de algo é conhecer sobre esse algo que se afirma conhecer, isso também faz parte do conceito de revelação, uma vez que a manifestação de Deus não diz respeito só há um conjunto de transmissões de conhecimento, mas também a aparição do próprio Deus na história da humanidade, que o homem só é capaz de aceitar ou de entender pelo viés do relacionamento com o divino e o contato com a sua palavra que dá testemunho desse ato revelador na história. De acordo com Erikson (2015, p. 140) há duas classificações básicas de revelação:

A revelação geral é a comunicação que Deus faz de si mesmo a todas as pessoas, em todas as épocas e em todos os lugares. A revelação especial envolve a comunicação e as manifestações particulares de Deus a respeito de si para certas pessoas, em determinadas épocas, as quais se encontram à disposição hoje somente mediante a consulta a determinados escritos sagrados.

Compreendemos a partir dessas classificações, que mediante as duas formas de exibição divina, que trata-se da espontaneidade do Eterno de se transmitir à partir da receptividade humana e como estes seriam capazes de assimilá-Lo. Passaremos agora a expor as dupla revelação divina, sendo a primeira a geral, vista na natureza e a segunda a especial, “Deus revelando-Se a Si próprio nas Escrituras e em Seu Filho”.

1.2.1 Revelação Geral

A Bíblia atesta a revelação geral em passagens como a descrita pelo salmista ao dizer: “Os céus manifestam a Glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos. Um dia discursa a outro dia e uma noite revela conhecimento à outra noite” (Salmos 19: 1-2). A descrição desse versículo nos mostra como a natureza criada pelo Eterno comprova a Sua manifestação e como se deu o desvelar de Javé, sendo esta através dos céus e da terra para a assimilação dos seres humanos. Segundo, Enns (2010, p.169):

O Salmista indica que a revelação é contínua – ela ocorre “dia após dia” e “noite pós noite”. Essa revelação nunca cessa. Mais ainda, é uma revelação sem palavras: “Não há linguagens nem palavras”. Finalmente seu escopo é global: “por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e suas palavras até os confins do mundo. Ninguém está excluído desta revelação de Deus. Onde quer que o homem olhe no universo, há ordem.

Desta forma, em sua grandeza, em sua majestade, sua harmonia, pelo ato de criar Deus faz resplandecer a sua glória narrada pela natureza. Com a finalidade de que o homem busque-O e possa encontrá-Lo. Certamente notamos na revelação geral que o Transcendente deixou evidências de Si mesmo em sua criação, ainda que a revelação natural não seja suficientemente capaz para a salvação. Todavia, além da natureza, a revelação geral ainda atesta mais duas formas, além da natureza, pelas quais Deus se manifestou e são estas: Na história e na constituição da pessoa humana. Na natureza, o Salmo 119: 1 – 6, o autor revela a existência de Deus e também a sua glória. Assim como Romanos 1: 18 – 21

A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos seres humanos que, por meio da sua injustiça, suprimem a verdade. Pois o que se pode conhecer a respeito de Deus é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, isto é, o seu eterno poder e a sua divindade, claramente se reconhecem, desde a criação do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que Deus fez. Por isso, os seres humanos são indesculpáveis. Porque, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, e o coração insensato deles se obscureceu.

Quando Paulo anuncia que a natureza revela Deus, o autor também traz a consciência das pessoas que por isso elas seriam indesculpáveis diante do juízo. Percebemos, então que aqui é apresentado a revelação de Deus como Onipotente e que um dia Ele irá julgar sua criação. Bavinck (2022, p.23) diz:

A Sagrada Escritura, no entanto, nos ensina que Deus se revela de maneira muito definitiva, consciente e intencional na natureza e na história, no coração e na mente dos seres humanos, acrescentando que, quando as pessoas não reconhecem e entendem essa revelação, isso é devido ao escurecimento de suas mentes e, portanto, os torna indesculpáveis. O agente consciente, voluntário e atuante dessa revelação geral é somente Deus, o Deus que é o Criador, mantenedor e governante de todas as coisas.

O segundo meio de revelação é a história. No entanto as evidências aqui são menos perceptíveis que natureza, já que para um conhecimento dessa manifestação seria necessário que o indivíduo buscasse se aprimorar dos registros históricos. Deus está em constante ação no mundo, uma vez que Ele é o governante daquilo que soberanamente criou. Ele dirige o curso da história, controlando o destino das nações (Erikson, 2015, p.142). Nos eventos que ocorreram ao longo da história é possível detectar a manifestação de Deus agindo segundo seus objetivos. Comprovamos isso com a preservação do próprio povo de Israel. O povo que Deus escolheu para Si é um exemplo da Sua revelação, pois apesar de toda hostilidade da habitação desse povo e também em virtude da fragilidade dessa nação, ela servia de testemunho para outros povos que YHWH os conduzia e era o seu provedor. Daniel 2:21 “É ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes.” Esse verso atesta essa ideia de provedor, ao revelar um Deus que ergue e derruba governantes, Atos 14: 15:

“Senhores, por que estão fazendo isto? Nós também somos seres humanos como vocês, sujeitos aos mesmos sentimentos, e anunciamos o evangelho a vocês para que se convertam destas coisas vãs ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há”

Nesse ato de providência na história, Deus é revelado como aquele que provê alimentos para todas as pessoas assim como foi com o povo de Israel em sua peregrinação pelo deserto. A revelação geral na história coincide com a manutenção e o governo de Deus sobre todas as coisas. O dedo de Deus pode ser percebido em determinados eventos, pois estes exibem claramente a direção do Eterno.

A terceira forma pela qual Deus decidiu de manifestar tem um traço peculiar. Segundo Erikson (2015, p. 142) “Alguns pensam que na revelação geral de Deus manifesta na estrutura física e nas habilidades mentais do ser humano”. O ser

humano, ou a consciência de ser humano constitui o terceiro modo de aparição geral. O apóstolo Paulo em Romanos 2: 15 “Estes mostram a obra da lei gravada no seu coração, o que é confirmado pela consciência deles e pelos seus pensamentos conflitantes, que às vezes os acusam e às vezes os defendem,” revela que Deus colocou sua Lei no coração de todas as pessoas. Enns (2008, p. 172) diz que essa passagem indica Deus colocando um conhecimento intuitivo concernente a Ele mesmo junto ao coração dos homens. Ou seja, o próprio ser humano, a criação suprema de Deus na terra, é o que Erikson (2015, p.140) de terceiro Locus da revelação geral. Já que o caráter de Deus é notado nas qualidades morais e espirituais do ser humano. Na natureza religiosa é notado a revelação geral, pois em todas as culturas o homem acredita na existência de algo Superior, mesmo que seja um conhecimento variado, há um conhecimento anterior de Deus que se faz presente na experiência religiosa humana.

1.2.2 Revelação Especial

Neste momento, a manifestação do Eterno muda de ênfase. Ela deixa de ser por meio das obras da criação. O Criador agora usa outro método para mostrar-se perante a humanidade, ou seja Ele dirige-se aos homens por meio da sua Palavra. Erikson (2015, p. 159) define a revelação especial como sendo “a automanifestação de Deus em particular, em momentos e lugares específicos, dando-lhes condições para que tenham um relacionamento redentor com ele”. Há a necessidade dessa manifestação, pois em um dado momento o homem perdeu essa conexão com seu Criador, dessa forma era imprescindível que os homens conhecessem a Deus, e esse conhecimento deveria ser capaz de conduzi-los a restauração de suas vidas. Todavia, como se daria esse método de conhecimento por parte do homem? Enns (2008, p.173) diz que:

A fim de restaurar a humanidade caída à comunhão com Ele mesmo, era essencial que Deus revelasse o caminho da salvação e reconciliação; então, a essência da revelação especial centraliza-se na pessoa de Jesus Cristo. Ele é mostrado nas Escrituras como Aquele que nos mostrou o Pai, tanto suas palavras quanto suas obras são acuradamente registradas nas Escrituras

Nesse sentido, percebemos que há dois métodos que atestam a Revelação Especial: A primeira diz respeito a máxima revelação de Deus expressa em Jesus Cristo, e a segunda é encontrada no meio pelo qual os seres humanos poderiam

entender, sendo esta as Escrituras, a Bíblia, a Palavra de Deus manifestada aos homens. É através das Sagradas Escrituras que Cristo nos é revelado. (Enns 2008, p. 173) “A Bíblia apresenta acuradamente a revelação especial de Deus em Cristo Jesus”

Passemos agora a entender como a forma escriturística apresenta o divino. 2 Pedro 21 diz “porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.” Nesse texto notamos usou de uma particularidade para revelar-se, ou seja, Ele escolheu autores humanos dirigidos pelo Espírito Santo para expressar quem Ele era e quais eram os seus desígnios. Deus é um Deus comunicativo, um Deus que fala (Won 2020, p. 25). As Escrituras revelam a Deus como tendo a capacidade de se comunicar com a sua criação. O meio pelo qual os seres humanos poderiam conhecer o Eterno, teria que necessariamente passar por uma acomodação do divino para que seu meio de transmissão fosse assimilado por seres limitados, a baixa capacidade cognitiva dos homens, revela a graça de Deus de trazer conhecimento de si próprio de forma inteligível a humanidade. Won (2020, p.27) diz que

A revelação divina foi comunicada à humanidade numa linguagem acessível, de forma inteligível, apoiada em elementos históricos e contextuais com os quais as pessoas estavam habituadas. O registro dessa graça comunicativa foi feita na Bíblia Sagrada, o livro dos Cristãos. Os desígnios eternos de Deus são descortinados a seres humanos mergulhados em limitações, que vão desde sua própria capacidade cognitiva até elementos fora dele, como o fator tempo, os contextos social, cultural e político

Nessa perspectiva, compreendemos que YHWH, quando fala com seu povo no Antigo Testamento, Ele usa elementos típicos que poderiam ser captados pelo intelecto daqueles que estava recebendo determinada mensagem. A continuidade da revelação especial, de acordo com o Herman Bavink (2022, p. 28), “ocorreu na forma de um processo histórico, começando obviamente com seu povo, e culminando na pessoa e obra de Cristo”. A escritura, em Jesus Cristo, completou-se, agora está resolvida. Correlacionando os dois panoramas da revelação especial, Hebreus 4:12 atesta as Escrituras como palavra viva e escrita de Deus, enquanto que João 1:14 fala de Cristo como sendo essa palavra viva e encarnada, ou seja, a Bíblia que é palavra de Deus apresenta a Cristo como revelação especial de Deus.

1.3 A Revelação no Antigo e no Novo Testamento

Os meios pelos quais Deus decidiu se revelar no Antigo Testamento são os mais variados. No livro “Teologia do Antigo Testamento”, Ralf Smith disserta sobre 5 modos que essa aparição pode ser percebida na vida do povo de Israel, e são elas: Epifania e teofania, história, as palavras, a relação das palavras e história e história e fé. Abordaremos, segundo a visão do autor, como ocorreu a aparição por meio das epifanias e teofanias e também por meio da história.

Em primeiro lugar, Javé é revelado pelas suas aparições descritas como Epifania e Teofania. De acordo com WESTERMANN (1987, p. 23) “Epifanias e teofanias são revelações diferentes do mesmo Deus”. O autor diz que a epifania é a ação de Deus “Deus age na epifania”, ou seja o “Deus redentor vem e aparece para socorrer o seu povo”. O aparecer de Deus por meio de epifanias pode ser atestado através de grandes manifestações na natureza, acompanhado a aparição de Deus no Antigo Testamento, manifestações como trovão, terremoto, fogo, nuvem o acompanha (SMITH, 2001, p. 203.). Êxodo 3 é um exemplo deste fato, nessa passagem é relatado, uma epifania divina ao ser contatado a sua presença na sarça ardente. A teofania, consoante Westermann (1987, p. 23)

A teofania, introduz a fala de Deus, conforme se deu no Sinai (Ex 19-43), onde ainda, diversamente da epifania, inaugura lugares sagrados, como em Gn 28. Começando na era dos patriarcas, prosseguiu na sarça ardente (Ex 3) e no deserto (Ex 19), alcançou altos nas visões vocacionais dos profetas.

Percebemos, dessa forma, que as teofanias, como assinala Smith (2001, p.103) dizem respeito a uma manifestação com propósito. Ou seja, Deus aparece e sua revelação tem o propósito de comunicar uma mensagem, como a dos casos descritos acima, de fazer uma aliança e/ou promessa com seu povo. Epifanias e teofanias não são as únicas maneiras de exibição divina, o autor ainda destaca a história como outro jeito disso acontecer. Smith (2001, p. 104) diz que no texto veterotestamentário a aparição acontece em três momentos: Em eventos e ambientes na história do Antigo testamento, e esses eventos ocorreram num longo período, e seu conhecimento é atestado pela maneira como Deus é apresentado.

Observando agora o Novo Testamento, Ladd, (2003, p. 53), diz: “o que Deus revela não é somente informação acerca de si mesmo e do destino humano; Ele

revela sua própria pessoa, e essa revelação acontece por uma série de eventos históricos”. O apóstolo João, no capítulo 1, ao iniciar seu evangelho apresenta-nos essa revelação pessoal de Deus, ao dizer que o “Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Dessa forma, a revelação especial atinge o seu ápice, quando o próprio Deus, toma a forma humana, encarna, habita, na pessoa de Jesus Cristo. Hebreus 1: 1 – 2 diz: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo”. Nessa passagem das escrituras notamos a progressividade da manifestação divina, vindo desde os tempos antigos por meio da palavra divina aos profetas, e no Novo Testamento a palavra oral ganha forma, recebe um corpo, como disse o apóstolo Paulo, em filipenses 2: 8 Cristo é “achado na forma humana”, ele entra na história. Logo, “revelação de Deus na história redentora de Israel encontra sua expressão mais clara no evento histórico da vida, morte e da ressurreição de Cristo” (Ladd, 2003, p.54).

Por conseguinte, a narrativa bíblica do AT e do NT nos mostra que além da revelação divina ser expressa nos dois testamentos, ela ainda é formulada por meio de uma progressividade que unem os dois testamentos nesse propósito. Vemos constantemente passagens do Novo testamento falando do cumprimento de promessas que haviam sido prometidas no Antigo Testamento. O que Deus falou por meio de epifanias aos profetas, em Jesus, a exibição máxima, é cumprido. Ladd, (2003, p. 55), “Mateus cita muitas vezes as profecias do AT para mostrar que aquilo que Deus estava operando em Jesus era o que havia prometido por intermédio dos profetas.” Todo o NT, de Mateus a Apocalipse esboça essa ideia, o próprio livro do Apocalipse, que tem por significado “revelação”, mostra a consumação do ato redentor, daquele que encarnou para essa finalidade, ou seja redimir o mundo e a história humana.

2 - ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE MISSÕES NO TEXTO VETEROTESTAMENTÁRIO

2.1 Concepção do termo missões

De maneira ampla, abordaremos aqui a forma como o termo missões é compreendido por alguns autores. Essa definição será útil, já que alguns escritores distinguem o termo “missão” de “missões”. Dessa forma, torna-se necessário buscar esse entendimento para que o estudo de missões ligado ao Antigo Testamento não seja desconexo do que essa pesquisa se propõe a fazer. Portanto, definir e distinguir os termos acima citados é relevante para a assimilação de como as missões começaram e se desenvolveram ao longo do texto veterotestamentário.

Assim, de acordo com Bosch (2002 p. 28), conceituamos primeiro missão, e o literato assim exhibe:

O conceito de Missão (no singular) designa primordialmente a *missio Dei* (missão de Deus), isto é a auto-revelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a Igreja tem o privilégio de participar. *Missio Dei* enuncia a boa nova de Deus é um Deus-para as/pelas-pessoas.

Observamos que o conceito de missão está ligado à um ato de conhecimento da revelação de uma relação de Deus e o mundo. Ou seja, de uma relação direta entre o divino e a sua criação com um propósito de comunicar-lhes uma mensagem, nesse caso a boa nova de salvação. Por isso que o termo missão, na visão de Bosch (2002, p. 28) “inclui a evangelização como uma de suas dimensões essenciais”. Pois, a evangelização tem que ver com o anúncio do Cristo que salva, as pessoas que ainda não o conhece, com a finalidade da salvação.

Wright (2012, p. 32) acrescenta-nos a seguinte perspectiva sobre missão “Logo, quando falo de *missão*, estou pensando em tudo que Deus está fazendo em seu grande propósito para toda criação e em tudo o que ele nos chama a fazermos para cooperar com esse propósito”. Esse autor, assim como Bosch, distingue os termos missão/missões, e continua sua exposição sobre essa expressão (missão), afirmando que se trata de um conceito mais amplo, mais genético, e devemos preencher esse vocábulo com um significado mais específico. Nesse sentido, ao especificar a missão, compreendemos que as missões (no plural) faz parte de uma prática, por exemplo: missão é o termo mais amplo e geral, e missões diz respeito à uma parte, nesse caso a prática.

Para uma melhor compreensão de missões, Bosch (2002, p. 28) assim a conceitua: “*Missões* (as *missiones ecclesiae* [“missões da igreja”]: os empreendimentos missionários da igreja) designa formas particulares, relacionadas com tempos, lugares ou necessidades específicos de participação na *missio Dei*”.

Partindo dessa concepção, a expressão *missões* está no plural, pois designa um conjunto de inúmeras atividades na qual o povo de Deus pode se engajar fazendo parte do mais amplo, ou seja, a missão de Deus.

Peters (2000, p.19) diz que:

“Missões é a objetivação progressiva do propósito eterno e benevolente de Deus que tem raízes em seu próprio ser e caráter e que congrega todas as idades, raças e gerações. Missões é a efetivação histórica da salvação de Deus adquiridos em nome de toda a humanidade, em Cristo Jesus por causa de sua encarnação, morte e ressurreição. Missões é realização prática do Espírito Santo operando neste mundo em nome do propósito eterno de Deus e da realização da salvação adquiridos através de Jesus Cristo na vida dos indivíduos. Assim, missões relaciona-se com o Deus trino.”

Relacionando o conceito de Bosch com Peters, notamos que esta palavra tem que ver com um ato, uma função, um encargo. Devido a sua pluralidade, missões é trabalho específico de envio, é a obra que Deus dá a Igreja e obediência com a finalidade da proclamação, no sentido neotestamentário, de levar a mensagem do evangelho a todos os povos, nações, como o expresso no mandato da grande comissão Mateus 28: 19-20 “portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei com vocês, até o fim dos tempos”. A narrativa neotestamentária nos mostra que por meio do envio de mensageiros os propósitos divinos de divulgação da sua obra redentora. Por meio do ato de enviar pessoas com a responsabilidade de propagar os desígnios de Deus é que também podemos definir missões, todavia, interessa-nos nessa pesquisa, observar como esse envio se deu no Antigo Testamento, ou seja como originou-se a ideia de envio a partir de indivíduos que compõe a narrativa bíblica veterotestamentária.

2.2 Noção do envio no Pentateuco

A Bíblia apresenta a missão de Deus por meio do seu povo. E no pentateuco observamos como as missões são desempenhadas por meio de homens que o próprio Soberano envia, com vistas a desempenhar alguma tarefa, cumprir uma comissão. O Texto hebraico, usa a palavra usada para envio é *שלח* (*Shālāh*), que segundo o “Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento”, (Harris, Archer, Waltke. (2012, p. 1567):

O verbo *Shālah* significa “enviar”, “mandar embora”, “soltar”, “espalhar”, “disseminar” [...] Na primeira categoria, a pessoa envia uma outra pessoa a algum lugar (Gn 28.15), ou envia coisas tais como tributo (Jz 3.15) ou cartas (1Rs 21.8). Com frequência Deus é descrito como quem envia homens numa missão oficial seus embaixadores ou representantes (Is 6.8).

Observamos com esse verbo que ele pode ser usado em significações comuns, como o simples fato de mandar alguém para algum lugar, mas pode-se inferir que no Antigo Testamento ele tem objetivos específicos como os delineados na exposição acima. Wright (2012, p. 242) elucida que esse verbete, “são os casos em que Deus envia, e nos quais há uma dimensão teológica clara em relação à ação, seu propósito e resultados”. Nesse caso, o que autor busca aqui é ajudar-nos a discernir não só o local de envio que Deus faz aos homens como seus representantes, mas também as séries de coisas que ele os envia a fazer.

Bosch (2002, p.35), diz que: “no Antigo Testamento, não há indicações que crentes da antiga aliança seriam enviados por Deus para cruzar fronteiras geográficas, religiosas e sociais a fim de conquistar outras pessoas para a fé em Javé.” Ele disserta sobre a compreensão de missão não é percebida no A.T, pois a visão tradicional da missão, diz respeito ao envio de pregadores e não seria isso que ocorre na antiga aliança. Para ele, a compreensão de missão do Novo Testamento se dá a partir do Antigo. Outra vez o literato diz que “se há um ‘missionário’ no Antigo Testamento, esse é o próprio Deus que, como seu ato escatológico por excelência, levará as nações a Jerusalém para adorar aí juntamente com o seu povo da aliança.” Bosch (2002, p. 37). Embora este escritor pense dessa maneira, faz necessário apresentar um contraponto a ele, pois o texto veterotestamentário também aponta para essa compreensão de envio, seja por meio dos profetas, ou por meio de Abraão. O ir, com o propósito salvífico é abordado. De acordo Wright (2012, p. 242):

De um modo geral, havendo analisado textos do Antigo Testamento que se referem ao envio que Deus faz, parece-me que dois objetivos principais se destacam. Quando Deus envia pessoas, na maioria das vezes, ou é para elas agirem como representantes de sua libertação e salvação ou é para elas declararem uma mensagem que alguém precisa ouvir (quer queiram eles ouvir quer não). Às vezes, Deus envia alguém como Moisés para fazer as duas coisas.

Nesse ínterim, a noção de envio no pentateuco ganha uma dupla conotação: a da libertação e salvação. Portanto, esse acaba sendo o foco do direcionamento dos homens da antiga aliança. Eles são portadores de uma mensagem (que

revelam quem Deus é, ou o conhecimento que se tem de Javé), e o conteúdo dela traz à tona a salvação do povo, seja do povo de Deus, como a maioria dos textos nos primeiros cinco livros da Bíblia, seja de outros povos como pode ser visto no profetismo bíblico.

O pentateuco, após todo o seu relato da criação, que vai de Gênesis 1 – 3, apresenta-nos a primeira crise vivida pela humanidade quando expõe a queda do ser humano, após Adão e Eva comerem o fruto que Javé havia ordenado que eles não comessem. No ato da desobediência, eles são expulsos do jardim e “uma maldição caiu não apenas sobre a Adão e Eva, mas também sobre o solo, seus produtos, a ordem criada e toda a humanidade” Kaiser (2000, p.23). Notamos aqui que toda a vida humana foi comprometida pela ação que estava atrelada ao primeiro homem. A partir disso, em Gênesis 3:15 é feito também uma promessa, assim expressa o texto: “porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela, este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”. Compreendemos então, que a partir dessas palavras direcionadas por Deus traria a posteriori uma concepção futura de salvação. Peters (2000, p. 66) diz: “a salvação, portanto, como confirmada no antigo testamento, inclui a humanidade na promessa, disposição e propósito”.

A redenção, como a compreendemos hoje, é uma promessa que precisa ser anunciada, por isso faz-se necessário a ato de direcionamento de pessoas com essa finalidade. O pentateuco não só apresenta a queda do ser humano, a necessidade da salvação, mas também apresenta personagens que tiveram a incumbência destinada por Deus de comunicar uma mensagem ao seu povo ou a outros povos com o objetivo de salvar e abençoar. Essa pesquisa analisará o enfoque de envio e chamado de três homens bíblicos, primeiro de Abraão, depois José e por fim Moisés.

2.2.1 O chamado de Abraão

Antes de apresentarmos a história de Abraão e todo seu empenho em ser usado por Deus para ser bênção para as outras nações, olharemos para a narrativa neotestamentárias, onde o apóstolo Paulo escrevendo aos Gálatas nos informa que Deus já havia preanunciado o evangelho a Abraão e Seu desejo era

abençoar as outras nações através da vida deste homem, assim diz o texto de Gálatas 3.8: “E a Escritura, prevendo que Deus iria justificar os gentios pela fé, anunciou com antecedência a boa notícia a Abraão dizendo: ‘Em ti serão benditas todas as nações da terra.

A fim de entendermos qual a lógica dessa promessa, a visão dos textos que comportam Gênesis 1-11 é importante. Esses capítulos citados, de acordo com o Kaiser Jr (2000, p.16) perpassa por um período de “três grandes crises”, com a finalidade que se chegasse a promessa de Deus feita ao seu servo Abraão. Conta o autor que a primeira crise está expressa no relato da Queda em Gênesis 3:15 (trabalhado acima), onde é posta a “inimizade entre a mulher e a serpente” e seria necessário a vinda do filho da mulher que pisaria a cabeça da serpente. Posteriormente, a segunda crise, acontece por meio do dilúvio (Gênesis 9), em decorrência da maldade do ser humano que tinha atingido níveis tais a ponto de Deus mandar um dilúvio para a destruição da vida humana, nessa ocasião somente a família de Noé sobreviveu. E a terceira grande crise, vem durante a construção da Torre de Babel (Gênesis 11). O propósito humano àquela altura estava indo contra à vontade do Seu criador. “Eles buscavam uma unidade não em seu Criador, mas em uma torre que simbolizaria seu próprio gênio” Kaiser, (2000, p. 17). Deus, providencialmente confunde a língua dos povos que estavam empreitados nessa construção e eles se dividem.

Em meio a essas três grandes crises, chegamos ao chamado de Abraão, em Gênesis 12. E aplicando a ideia do “envio” no pentateuco, Deus escolheu esse homem para que ele tivesse a incumbência de levar a benção a todo mundo. Wright (2012, p. 79) informa: “O chamado de Abrão é o começo da resposta de Deus à maldade dos corações humanos, à rivalidade das nações e à fraqueza lamuriosa de toda a sua criação. É o início da missão de Deus e da missão do povo de Deus”. O chamamento de Abraão é percebido em Gênesis 12: 1-3

1 – E o Senhor disse a Abraão: Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. 2 – E farei de ti uma grande nação, te abençoarei e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. 3 - Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei quem te amaldiçoar; e todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti.

Conforme dito por Kaiser Jr. (2000, p.18) “Abrão recebeu a promessa de três bênçãos: (1) que ele seria uma grande nação, (2) que Deus o abençoaria pessoalmente e (3) que seu ‘nome’ seria grande”. Portanto, Javé invoca seu Abraão

coma finalidade de cumprir seus propósitos através da vida dele. Esse envio, apresenta uma tripla bênção (*barak*, o termo usado no hebraico), e o apóstolo Paulo, ao Escrever aos Gálatas (expresso acima), anacronicamente, além de relembrar essa promessa, associa-a a primeira concepção das boas novas que deveriam ser proclamadas a outras nações através da vida desse Herói da fé. Ainda, conforme Kaiser (2000, p. 19) “A dádiva de uma bênção por meio da instrumentalidade de Abraão era para ser experimentada por nações, clãs, tribos, grupos de pessoas e indivíduos. Seria para grupos de todos os tamanhos, desde o menor grupo de pessoas até a maior nação”. Por meio da vida deste homem, da sua obediência ao envio todas as nações desfrutariam da bênção de Deus, e salvação também faz parte das bênçãos de Deus, apesar do relato de Gênesis 3:15, a salvação é o cumprimento dos propósitos divinos.

2.2.2 – O envio de José

Wright (2012, p.23) comunica que “a primeira descrição relevante de uma pessoa sendo enviada por Deus é encontrada em José”. Analisando o texto de Gênesis 45: 4-8 notamos na fala do próprio José ao se apresentar aos irmãos a provisão divina na vida dele ao “enviá-lo” ao Egito. Assim relata a passagem bíblica:

3 - E José disse aos seus irmãos: — Agora cheguem perto de mim. E eles chegaram. Então ele disse: — Eu sou José, o irmão de vocês, que vocês venderam para o Egito. 5 - Agora, pois, não fiquem tristes nem irritados contra vocês mesmos por terem me vendido para cá, porque foi para a preservação da vida que Deus me enviou adiante de vocês. 6 - Porque já houve dois anos de fome na terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura nem colheita. 7 - Deus me enviou adiante de vocês, para que fosse conservado para vocês um remanescente na terra e para que a vida de vocês fosse salva por meio de um grande livramento. 8 - Assim, não foram vocês que me enviaram para cá, e sim Deus, que fez de mim como que um pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito.

Considerando o texto referido acima, testemunhamos pelo discurso do próprio José que o Senhor Deus o havia enviado até aquela terra com um propósito, ou seja, o da salvação. Ao que está sendo apresentado aqui, notamos

que inicialmente esse envio foi realizado para o livramento do povo de Deus, mas é inegável a importância que a vida deste personagem teve para a salvação de outros povos, inclusive dos povos egípcios. No entanto, vale ressaltar que a salvação exposta não é que compreendemos hoje, sendo esta a remissão dos nossos pecados, mas é importante percebermos como Deus usou a vida deste homem, através do envio para que seu propósito de salvação fosse cumprido.

2.2.3 – A comissão de Moisés

Analogamente a Josué, deparamo-nos com a figura de Moisés. Diferente de Josué, Moisés já se encontrava no Egito. E o seu comissionamento aquela terra, após ter matado um dos egípcios ter passado um longo período no deserto, traz à tona um fato curioso, que o torna distinto de Josué. A ação deste foi salvar levando o povo ao Egito, todavia, a ação mosaica foi salvar o povo de Deus, tirando-os do Egito (Wright, 2012, p.244). Na visão deste autor “Deus envia, porque Deus salva e porque Deus tem uma promessa”. Mais uma vez, nos deparamos com algo similar ao que foi expresso através de Josué. Nesse contexto, as ações de Moisés, tanto em aceitar a missão de libertar o povo de Deus, quanto em ser ele o porta-voz divino, alude-nos a ideia de um conceito de salvação que difere ao que conhecemos hoje. Nessa parte, estamos analisando a perspectiva de envio no pentateuco. Sabemos que anacronicamente, essas ações de salvar a livrar o seu povo direcionava e apontava para Cristo, ainda que, até então, a salvação estivesse relacionada a libertação do povo do cativo, todavia apontava para algo maior que Cristo faria. Observando o Antigo Testamento a luz do novo, concluímos que a narrativa bíblica de um Deus que envia com uma missão, sendo ela de libertação, inicialmente do seu próprio povo e como veremos mais adiante, a libertação de outros povos também.

2.3 Como o profetismo bíblico expõe a origem e desenvolvimento de Missões

A Bíblia Hebraica, a divisão judaica do Antigo Testamento se dá em três grandes blocos, a saber, Torá (pentateuco), Nevi'im (profetas) e Ketuvim (escritos). Won (2020, p.171) diz que “de acordo com o entendimento judaico, os livros que

vão de Josué até o Livro dos Doze Profetas são considerados *livros proféticos*.” Nessa parte da pesquisa iremos nos deter a relatar como o profetismo bíblico e alguns dos profetas, que fizeram parte desse período, foram importantes na ideia de uma origem e desenvolvimento de missões.

Podemos afirmar, de acordo com Gabel e Wheeler (1993, p.98) que a época dos grandes profetas “começou num certo dia de uma data aproximada de 750 a.C, quando Amós de Tecua entrou em Samaria, capital do Reino do Norte, e começou a denunciar a religião apóstata e a injustiça social que via ao seu redor”. Apesar da Bíblia citar Moisés como um grande profeta do A.T. foi durante o oitavo século antes de Cristo que profetismo foi sistematizado. Esse período profético pode ser dividido em dois momentos, sendo ele o dos “profetas anteriores” e os “profetas posteriores”. Won (2020, p.171) assim afirma sobre a divisão dos livros do profetas:

A parte chamada de *profetas anteriores*, narra a história de Israel a partir da conquista da terra de Canaã por Josué, como todos os fatos que levam ao estabelecimento da monarquia com Saul, a consolidação do reino unido com Davi e Salomão, a divisão desse reino e a decadência moral e política dos Reinos do Norte e do Sul.

Sendo estes, os livros de Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis. O Segundo Bloco, o dos profetas posteriores, ainda segundo este autor, são os profetas literários. “Temos nessa divisão os livros de Isaías, Jeremias, Lamentações e Ezequiel. Os doze profetas, conhecidos como profetas menores, formam um único bloco conhecido como “Livro dos Doze Profetas” (Won, 2020, p.175).

Feita essa introdução a respeito do período profético, passemos agora a desenvolver como ele foi determinante para a origem de missões, para isso faz-se necessário saber o que é um profeta e qual seu propósito ao comunicar a mensagem destinada pelo próprio Deus. Compreendendo missões como um conjunto de atividades desenvolvidas pelo povo de Deus para um determinado fim. Esse ato de envio com propósito é notório na vida dos profetas. De acordo com Wright (2012, p.245) “os profetas são enviados para falar”, ou seja, eles são mensageiros, e “mensageiros, pela própria natureza são enviados. Falam em nome daquele que os envia”. Analisando trabalho profético, eles sempre são identificados em sua fala com a seguinte expressão “*assim diz Yahweh*”. Ainda de acordo com Wright (2012, p. 245) “Eles afirmavam *falar* por YHWH, porque haviam *sido*

enviados por YHWH, com autoridade”. E assim são identificados os profetas, logo, aqueles que falam em nome de Javé.

Nesse aspecto, Won (2020, p.169) diz que “os profetas são o símbolo dos emissários de Deus no Antigo Testamento”. Deus escolheu esses homens e entregou-lhes uma missão, por meio destes, o Senhor faz com que eles testemunhem de quem Ele é por meio de palavras que os outros povos poderiam entender. Dessa forma, Won (2020, p. 170) “Deus falava aos profetas por meio de discursos diretos, e os profetas, por sua vez, transmitiam a mensagem divina ao restante do povo de forma indireta”. Portanto, os profetas tem a responsabilidade de, a partir do momento da comunicação da mensagem, aproximar o povo de Deus. Peters (2000, p. 96):

“O profeta e sua consciência imperturbável da comissão divina. Ele vem em nome do Senhor e fala com a autoridade do seu Senhor. Ele se considera enviado e comissionado. “Assim diz o Senhor” ou a “Palavra do Senhor veio” é seu poder de comissão. Ele conhece a si mesmo para ser um porta-voz de Deus”.

Certamente que esse comissionamento traz consigo características que podem nos fazer perceber a origem de missões. Os profetas tinham a missão de, além de serem mensageiros de Deus, eles transmitiam a revelação de Deus, por meio dos seus ditos, eles tinham a responsabilidade de chamar o povo à obediência a Deus, denunciavam a idolatria, a corrupção e as injustiças, além de predizerem o futuro. Nesse momento podemos nos perguntar, mas o que isso tem que ver com a origem de missões? Nessa perspectiva, como mensageiros, portadores da palavra de Javé, eles são chamados e enviados para serem testemunhas e não chamar apenas o povo de Israel ao arrependimento, mas também outros povos. A promessa que Deus havia dado a Abraão, em que nele seriam “benditas todas as nações da terra”, pode ser visto no livro de Isaías 49: 6 “Ele diz: pouco é para você ser meu servo a fim de restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta os remanescentes de Israel. Também darei de você uma luz para os gentios, para que você leve a minha salvação até os confins da terra”. Paulo Won (2020, p. 176) assim expõe o proclamação do profeta Isaías:

“Em meio ao turbilhão histórico que apontava para a destruição de total do povo de Deus, Isaías trouxe também oráculos de esperança relacionados à restauração de Israel e à remissão final, principalmente por meio do anúncio da vinda do *messias* e do cumprimento final da aliança feita com Davi. Assim, Deus finalmente exerceria juízo contra todas as nações que outrora afligiram Israel (por exemplo Isaías 10: 5-19; cf. 7:18-25; 85-8) e restauraria o reino davídico, trazendo de volta a glória de Yahweh ao

Templo, para onde todas as nações afluíam a fim de aprender a Lei (Isaías 2:2,3), e, finalmente, Israel cumpriria o seu chamado de ser “luz para as nações”.

O escopo final da mensagem do profeta Isaías era, além de anunciar ao seu próprio povo a restauração, mas também ser luz para outros povos e levar esse entendimento de salvação as outras nações, delimitados como gentios. Da mesma forma, no profetismo bíblico, temos a presença de Jeremias, que “apesar de não ter tido uma aceitação popular ou de sucesso evidente” (Wright, 2012, p.248) ele foi enviado por Deus com a prerrogativa de comunicar os oráculos de Deus ao seu povo, mas também, em meio a esses oráculos, ele testemunhava de Javé as outras nações. Sua atividade profética se estendeu entre período anterior e posterior da queda de Jerusalém para a Babilônia. O próprio chamado do profeta em Jeremias 1:5 que diz “Antes de formá-lo no ventre materno, eu já o conhecia; e, antes de você nascer, eu o consagrei e constitui profetas às nações”. Wiersbe (2006, p. 93):

“O Senhor, então, *ordenou* que Jeremias fosse profeta às nações. As preocupação de Deus desde o começo sempre foi que todas as nações da terra conhecessem sua salvação. E separou a nação de Israel como seu meio especial de trazer sua Palavra e seu filho ao mundo”

Portanto, concluímos essa parte da pesquisa com o exemplo desses dois profetas que nos ajudam a entender como o a perspectiva de missões que concebemos hoje pode ser iniciada e desenvolvida durante o profetismo bíblico. A ideia de sair do seu contexto e ir para outro meio é vivenciada na vida desses dois homens de Deus. Ainda que inicialmente sua mensagem fosse destinada ao arrependimento de Israel, eles cumpriram o propósito designado pelo próprio YHWH, de ser luz para as outras nações e comunicar, a revelação divina com o propósito salvador aqueles que ainda não conheciam a fé monoteísta em Javé.

3 - RELAÇÃO DA REVELAÇÃO DE DEUS NA DIÁSPORA JUDAICA COMO DETERMINANTE NA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE MISSÕES

Ao longo desse trabalho analisamos, primeiramente a revelação divina, e, posteriormente o conceito de missões e como este se aplicava no Antigo Testamento, assim como o conceito de Revelação divina foi estudado tanto na concepção veterotestamentária, quanto neotestamentárias. Agora, após

desenvolvido e trabalhado estes conceitos, passaremos a correlacionar a Revelação de Deus em um contexto específico da história judaica, a saber a diáspora e o período do profetismo pós – exílico, e sua importância na origem e desenvolvimento de missões.

3.1 A Diáspora Judaica e seu vínculo na gênese de Missões

O contexto da “Diáspora”, ajuda-nos a compreender o seu vínculo na gênese de missões. Partindo do pressuposto que fazer missões é sair do seu lugar de origem com o objetivo de apregoar a mensagem do evangelho às outras nações, não há período mais determinante do que esse na narrativa bíblica que faça alusão a perspectiva missionária no Antigo Testamento. De acordo com Mubarak (2021, p. 58):

O termo diáspora é uma referência a pessoas que vivem fora de seu lugar de origem e missiologia da diáspora é uma estrutura missiológica para compreender e participar da missão redentora de Deus entre as pessoas que vivem fora de seu lugar de origem. A prática de missões da diáspora está emergindo do paradigma da missiologia da diáspora, que inclui ministrar aos grupos da diáspora (em evangelismo e serviço) e ministrar através e além deles, motivando e mobilizando a igreja para cumprir a Grande Comissão.

O período da dispersão do povo judeu foi o marco inicial para o testemunho da fé em Javé. Antes de prosseguir com esse argumento, faz-se necessário informar do se trata o a “Diáspora Judaica”.

A dispersão do povo de Deus aconteceu em dois momentos, a primeira, remonta ao ano de 586 a.C, neste registro histórico, o povo judeu foi levado cativo para a Babilônia. O Segundo registro histórico acontece no ano 70 d.C, quando acontece a segunda deportação, dessa vez para várias partes do mundo. Todavia, para esta pesquisa, abordaremos somente a primeira deportação, pois, tratamos ao longo desse trabalho sobre a importância do A.T. na visão sobre missões.

Segundo Lewin (2009) “*Go!á* ou Diáspora, expressa a dispersão de povos por motivos políticos, econômicos ou religiosos impossibilitando sua sobrevivência ou devido a perseguições de grupos e de mandatários dominadores ou intolerantes [...]”. Justamente essas circunstâncias caracterizam a vida dos Judeus durante a sua deportação. Lopes (2005, p. 20) descreve os antecedentes da diáspora dessa forma:

Nabucodonosor fez três incursões sobre Jerusalém: em 606 a.C., levou os nobres (dentre eles Daniel) e os vasos do templo. Em 597 a.C., noutra incursão, levou mais cativos. O rei Jeoaquim rendeu-se sem resistência. Nesse tempo, também, foi ao cativeiro o profeta Ezequiel (2Rs 24.8). Em 586 a.C., após dezoito meses de sítio, os exércitos do rei da Babilônia saquearam a cidade de Jerusalém. Arrasaram-na totalmente, destruindo também o templo. O rei Zedequias foi capturado quando tentava fugir e levado à presença de Nabucodonosor. Seus filhos foram mortos em sua presença, seus olhos foram vazados, e ele levado cativo para a Babilônia com o seu povo (2Rs 25).

É nessas circunstâncias de expatriação que o povo de Deus é levado para outra nação. Logo, associado a nossa perspectiva de missões como a expressa por Mubarak (2021) como sendo a ministração das boas novas a partir da saída de um grupo de pessoas do seu lugar de origem, associamos gênese de missões ao período da diáspora como fator determinantes, pois, ainda nesses momentos Deus usou seus santos homens para testemunhar da sua fé. É nesse cenário, por exemplo, que o profeta Daniel começa a sua atuação profética.

Ainda muito jovem Daniel é levado cativo, assim como os judeus para a Babilônia, toda a sua atividade profética foi exercida nesse ambiente. Os acontecimentos na vida desse profeta e as visões que teve durante seu exílio fazem parte do Livro bíblico que carrega seu nome. A narrativa de Daniel elucida o nosso pensamento quanto aos propósitos de Deus não só para a nação de Judá, mas também para os outros povos, pois além de reascender a esperança do seu povo quanto ao período em que duraria o exílio, a última parte deste livro trata de assuntos escatológicos. De acordo com Lopes (2005, p. 18) “O livro de Daniel é chamado de O Apocalipse do Antigo Testamento. Deus abriu as cortinas do futuro e revelou a Daniel os fatos que haveriam de suceder ao longo da história”.

De acordo com Won (2020, p.197) “Os profetas foram emissário importantes em todo o processo de comunicação da vontade de Yahweh”. Logo, Daniel teve uma dupla responsabilidade durante o período em que profetizou no cativeiro. A primeira responsabilidade foi comunicar ao povo de Deus a finalidade pela qual eles estavam passando por esse cenário de exílio, em linhas gerais o que Deus desejava comunicar: “diz respeito à ordem que o próprio Yahweh irá impor, de maneira direta e pessoal, exercendo seu juízo contra as nações ímpias e trazendo o restauro final ao seu povo” (Won, 2020, p.197). A segunda responsabilidade diz respeito à instrumentalidade desse homem em anunciar sua fé em meio a uma nação, que aparentemente desconhecia Javé. O capítulo 6 do Livro de Daniel ilustra bem essa

concepção de falar de Javé a outros povos. Um breve resumo dessa passagem destaca o momento em que Daniel é jogado na cova dos Leões, após despertar a inveja de líderes religiosos babilônicos. Eles conspiraram contra Daniel convencendo o Rei Dario a emitir um decreto proibindo as pessoas do império de fazer petições a Deus, a não ser ao próprio Rei. Todavia, Daniel foi avistado orando, e devido ao decreto, sua pena seria ser jogado a cova dos leões. Após a sucessão desses fatos, em Daniel 6:21 - 22 lemos: “Daniel respondeu: - Que o rei viva eternamente! O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca dos leões para que não me fizessem mal algum. Porque fui considerado inocente diante dele.” A vida e a proclamação do profeta é testemunho das ações miraculosas do Deus que ele professa crer e diante de tal ato o próprio Rei Dário na continuação da narrativa diz no capítulo 6 versos 25-27:

25 - Então o rei Dario escreveu às pessoas de todos os povos, nações e línguas que habitam em toda a terra: "Que a paz lhes seja multiplicada! 26 - Faço um decreto pelo qual, em todo o domínio do meu reino, todos tremam e temam diante do Deus de Daniel." "Porque ele é o Deus vivo e que permanece para sempre. O seu reino não será destruído, e o seu domínio não terá fim. 27 - Ele livra, salva, e faz sinais e maravilhas no céu e na terra. Foi ele quem livrou Daniel do poder dos leões."

Dessa forma, percebemos que ele foi instrumento para que a mensagem concernente ao verdadeiro Deus fosse apregoada a outros povos. Ele teve sua vida e seu testemunho em forma de missão, mostrando o caráter e o poder de Deus para o Rei, fazendo-o declarar que o Deus de Daniel era de fato o Deus vivo. Segundo Wiersbe (2006, p.347) “Esses decretos eram testemunho aos gentios de que havia apenas um Deus verdadeiro, o Deus dos judeus. Contudo, os decretos também eram uma lembrança aos judeus de que Jeová era o verdadeiro Deus vivo.”

Concluimos essa parte relacionando a concepção de missões com o período da diáspora. Analisando a vida do profeta Daniel e como ele foi importante para a compreensão desse termo. Uma vez que a noção do temos hoje é sair do seu contexto e testemunhar entre outras nações, a dispersão e a vida do profeta são necessários para o nosso entendimento da relação entre esses termos.

3.2 O Profetismo pós – exílico como condição determinante no desenvolvimento de Missões.

Buscamos aqui brevemente tratar sobre o retorno do povo do exílio da babilônico, para em seguida expor a forma como alguns profetas foram determinantes no desenvolvimento de uma perspectiva de missões entre outros povos.

Dessa forma, Segundo Lopes (2006, p. 16) o após a queda da megalomaníaca Babilônia, os judeus tiveram seu retorno registrado em três momentos, assim diz o autor:

O povo voltou em três levadas: 1) Sob a liderança de Zorobabel para reconstruir o templo; 2) Sob a liderança de Esdras para ensinar a Lei; 3) Sob a liderança de Neemias para reconstruir os muros. Tanto Esdras como Neemias voltaram sob o governo de Artaxerxes I (465-424 a.C.). Os judeus que voltaram para Jerusalém foram profundamente influenciados pela fé dos seus pais mesmo no cativeiro. A criação das sinagogas no exílio para o estudo da lei e dos profetas exerceu uma grande influência na inspiração da fé religiosa daqueles que retornaram à Jerusalém.

Vale ressaltar a atuação profética de dois homens nesse período pós-exílico, que apesar de não apresentarem um caráter proselitista, anunciaram e testemunharam sobre um reino restaurado e a promessa da bênção divina através da vinda do Messias. Aliás, é característico do profetismo posterior ao exílio e instrumentalização de mensageiros que proclamam, além de mensagem de juízo e condenação, mas também mensagem de salvação a povo estrangeiros. Através da reconstrução do templo, e o retorno do exílio, percebemos uma renovação das promessas, primeiro ao povo de Deus, e a posteriori a promessa de abençoar o mundo todo por meio do seu povo, como cumprimento do que havia sido dito a Abraão: “Em ti serão benditas todas as nações da terra.”

Ageu, profeta que esteve presente nesse momento da história de Israel, atuou no ano de 520 a.C, no período do Rei Dário, comunicou ao povo a promessa de um segundo templo, Ageu 2:9 “A glória do novo templo será maior que do que a do primeiro, diz o Senhor dos exércitos; e neste lugar te darei paz, diz o Senhor dos Exércitos”. Após convocar o povo para reconstruir o templo, ele destaca a importância de trazer a presença de Deus para este lugar, e notabilizando a glória de Javé sendo maior nesse contexto, analisando às vistas de uma perspectiva escatológica é neste lugar que as nações vão reconhecer e buscar a presença de Deus. E é justamente isso que comprova o verso 7 “Farei tremer todas as nações, e serão trazidas as coisas preciosas de todas as nações [...]” Kaiser, (1984, p. 260): “De fato, as nações derramariam suas riquezas para aquela casa em

reconhecimento da soberania de Javé”. Nessas passagens relatadas no Livro do profeta Ageu, em especial pelas seus oráculos escatológicos, notamos a promessa de um reino de paz e justiça, e neste momento não está destinado apenas a nação de Israel, mas a todas as nações que reconhecessem a soberania de Javé. Nesse ínterim, outras nações seriam alcançadas com essas mensagens de esperança e renovo, Wright (2012, p. 46): “o Antigo Testamento continua, por intermédio dos profetas, a apontar adiante e insistir que Deus guardará sua promessa de trazer bênção a todas as nações e salvação para o mundo todo, e que fará isso por meio de Israel.”

Além do profeta Ageu, este período marca a presença de Zacarias. Walton (2018, p. 1033) data a atuação profética de dele dessa forma: “Zacarias data de seus oráculos de forma bastante precisa, assim como seu contemporâneo, Ageu. Seu ministério se iniciou em novembro/dezembro de 530 a.C., coincidindo com o de Ageu por um mês.” O tema central das mensagens deste servo alude a ideia de que Deus estará renovando seu compromisso de restaurar Judá, ao passo em que julgará as nações, e as levariam a adoração ao Deus verdadeiro. Dentre as muitas proclamações proferidas pelo referido profeta, observamos a que está no capítulo 2 verso 11 que diz: “Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao Senhor e serão o meu povo. Habitarei em seu meio, e vocês saberão que o Senhor dos exércitos é que enviou vocês”. Esta mensagem é acompanhada da terceira visão deste homem, então ele prevê um tempo em que Judeus e gentios se ajuntarão, como um único povo, o povo de Javé, uma única nação com o Senhor habitando no seu meio. Notamos nas palavras desse emissário que ele se sente enviado por Deus a fim de anunciar as outras nações que a glória devia ser destinada a Deus e o seu povo seria usado como prova disso, assim atesta (2:8) “pois assim diz o Senhor dos Exércitos: ‘para obter a glória, ele me enviou as nações [...]’, aqui ele faz alusão à sua comissão como profeta, que nesse aspecto refere-se ao julgamento das nações que saquearam a Israel, mas essa mensagem de condenação é acompanhada de uma mensagem de esperança, no verso 11 onde todos os povos se reuniriam e seriam chamados de “Meu povo.”

Na continuidade dessa mensagem de salvação em consonância com o desenvolvimento de missões no Antigo Testamento, enxergando a vida do profeta

Zacarias como determinante na comunicação de restauração que alcançaria outros povos, é percebido o dito desse emissário quando ele diz, Zacarias 8: 20-23:

20 — Assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda virão povos e moradores de muitas cidades, 21 - e os moradores de uma cidade irão à outra, dizendo: "Vamos depressa suplicar o favor do Senhor e buscar o Senhor dos Exércitos; eu também irei." 22 - Muitos povos e nações poderosas virão a Jerusalém buscar o Senhor dos Exércitos e suplicar o favor do Senhor. 23 — Assim diz o Senhor dos Exércitos: Naqueles dias, dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, pegarão na borda da roupa de um judeu e lhe dirão: "Queremos ir com vocês, porque ouvimos que Deus está com vocês."

Notamos, dessa forma, nos ditos do profeta, que apesar de estarem presos e exilados na Babilônia, Israel não deixou de ser luz para as nações, pois, como visto aqui, os outros povos tomaram conhecimento da sua fé monoteísta ao ponto de muitos povos virem até Jerusalém suplicar o favor do Senhor. Wiersbe (2006, p. 574) ao analisar esses versos, relembra a promessa de Deus feita a Abraão tendo em vista o final do verso 23 e o que Deus havia dito ao “pai de uma grande nação”, assim ele diz:

Deus chamou Abraão e fundou a nação de Israel para que seu povo pudesse ser testemunha para aos gentios, conduzindo-os à fé no Deus verdadeiro (Gn 12:1-3). Ao separar uma nação, Deus estava procurando alcançar todo mundo. Muitos dos grandes acontecimentos da história dos Judeus que se encontram registrados nas Escrituras tinham como objetivo de ser um testemunho “para todas as nações”: As pragas do Egito (Êx 9:16); a conquista de Canaã (Js 4:23, 24) As bênçãos de Deus sobre a nação (Dt 28: 9-11) e até a construção do templo (1 Rs 8:42, 43). Quando Davi matou Golias, anunciou que Deus lhe daria vitória para que “toda a terra [soubesse] que há Deus em Israel (1 Sm 17:46).

Portanto, observamos como a vida de Abraão e o que Deus havia dito a ele percorre todo o Antigo Testamento e pode ser visto e presenciado nos oráculos deste servo. Deus abençoa o seu povo e os outros povos desejam aquilo que Israel tem, ou seja, o que diz o verso 23 “Queremos ir com vocês, porque ouvimos que Deus está com vocês”. Olhando o Novo testamento à luz do antigo, perceberemos que essa profecia se cumpriu no Dia do Pentecostes (Atos 2). Zacarias, então é enfático em dizer eu Deus irá atrair pessoas de todas as línguas para buscar o Senhor, dessa forma criando um ambiente propício para o desenvolvimento de missões, tanto no sentido de reconstruir a nação de Israel quando de compartilhar a mensagem de Deus as outras nações.

3.3 - Relação da Revelação divina como determinante na origem de Missões

A medida que Deus se revela ao povo que Ele escolheu, essa revelação tem o propósito de fazer com seu conhecimento seja disseminado entre os demais, por isso que ao tratarmos da Revelação de Deus ela estará intimamente relacionada a origem de Missões, pois, mais uma vez analisando a o chamado de Abraão, O Senhor se revela a Ele e o encarrega da grande tarefa de ser benção para as outras nações. Em certa medida, Abraão recebeu a responsabilidade de compartilhar para os outros o que ele sabia sobre Deus, fato este que tornou-se sua missão e todo povo ao longo da narrativa veterotestamentária, assim diz Wright (2012, p. 185):

Logo, quando falamos que parte da missão do povo de Deus é compartilhar aquilo que ele sabe sobre Deus, isso não é algum tipo de opinião esotérica ou especulativa sobre Deus, nem o resultado de uma prolongada peregrinação espiritual ou fruto de eras de reflexões religiosas. Tudo o que sabemos é com base nas coisas que têm acontecido e no entendimento que nos é dado nas Escrituras acerca dessas coisas.

Dessa forma, o que Javé deseja do seu povo está notificado na forma de revelação específica, contido na Bíblia se conhece sobre a divindade. A revelação que Deus faz de si mesmo, mostra-o como, por meio da experiência narrativa como o YHWH, o Deus da salvação e o Deus da revelação, o Deus que redimiu Israel por sua graça e agora os chama para amá-lo e servi-lo exclusivamente (Wright, 2012, p. 187).

Observamos que Deus promoveu missões no Antigo Testamento, e que este tinha a ver com a formação do povo de Israel como instrumento missionário entre todos os povos ímpios. Agora, observaremos como a revelação de Deus à Moisés no monte Sinai foi determinante para a missão entre aquele povo. Segundo Reinke (2019, p.121):

Deus começou sua ação no Egito por meio de uma teofania, revelando a Moisés a intenção de salvar o povo após ouvir o seu clamor. Com o livramento veio a promessa de conduzir Israel para uma nova realidade, uma terra prometida. Para realizar a salvação, Deus produziu diversas pragas que devem ser entendidas como sinais operados para que tanto israelitas como egípcios soubessem, por meio de Moisés, com quem estavam lidando: YHWH (Êxodo 7:5).

Interessante notarmos dois pontos dessa revelação de Deus que visa fazer Javé ser conhecido entre o povo egípcio através de sua aparição a Moisés. A primeira delas é quando revela o seu nome a ele, em Êxodo 3, o Senhor se revela com o tetragrama sagrado YHWH (que significa Javé ou Jeová) e o fato de Deus

revelar o Seu nome chama a atenção para como os egípcios se relacionavam com os nomes das suas divindades. Para eles, suas crenças se baseavam no fato de que as divindades possuíam um nome secreto com um poder incontrolável e aterrorizador, Reike (2019). Deus se apresenta ao profeta de forma dinâmica e como aquele que derrotaria as divindades do Egito. Wright (2012, p.185) diz que: “O Sinai havia sido a experiência avassaladora da autorrevelação de Deus. No Sinai, YHWH havia revelado seu nome, seu caráter pessoal, suas exigências morais e seu compromisso com a aliança.”

Depois de se revelar pelo seu nome, Deus agora começa a agir, e aqui observamos o segundo ponto de sua revelação, toda a narrativa demonstra YHWH em uma batalha com as divindades do Egito, uma vez que todas as dez pragas relatadas no livro de Êxodo dizem respeito a dez divindades egípcias. Tendo o Nilo como principal alvo – rãs, podridão, piolhos e moscas, decorrentes disso, águas ensanguentadas – pragas de gafanhotos sobre as lavouras, uma batalha de Javé contra Maat. A morte do gado mostrava o poderio de Deus contra o deus que era representado por esse animal, Hator. A chuva de pedra, Deus sendo superior a Nut, deus-céu e as trevas que atingiram o pai do Egito, o deus sol, Rá, Reinke (2019). Dessa forma o Senhor se faz conhecido no Egito através de sua revelação aquele povo, usando o Seu povo na missão de restaurar uma nação politeísta na crença desse Único e Eterno Deus.

Após a libertação do povo da dominação Egípcia, Deus continua a missão de conduzir o povo à terra prometida e nesse caminhar, várias epifanias aconteceram para que os outros povos tomassem conhecimento de quem Deus era. Segundo Rad (2006, p. 193) “até o fim Israel sempre exaltou a revelação da vontade jurídica de Deus como um grande benefício da salvação. Essa vontade garantia a eleição, pois nela Javé mostrou ao seu povo um caminho e uma ordem”. Dessa forma, eles serviram de testemunho para que a missão iniciada em Gênesis se desenvolve durante todo o pentateuco que culminara com a entrada na terra prometida. Nesses termos, Deus quer se fazer conhecido através do Seu povo, e os israelitas deveriam viver a salvação procedente da revelação divina, demonstrando assim, o Deus Salvador e Criador, e sua missão consistia, portanto, em testemunho de vida às outras nações.

Por conseguinte, Deus envia o seu povo nessa missão, Wright (2012, p.249) “O envio que Deus faz é parte integrante de seu salvar e de seu falar – da salvação e da revelação de Deus.” Desde Abraão, passando por Moisés, toda a tradição profética, exílico e pós-exílico, mostra-nos a revelação Deus usando o seu povo para transmitir o conhecimento desse Deus revelado com o propósito de propagar a fé e a salvação em YHWH.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tivemos o ensejo de mostrar como ocorreu a origem e o desenvolvimento de missões no texto veterotestamentário, partindo inicialmente desde a queda do ser humano até o livro do profeta Zacarias. Este trabalho analisou como a promessa feita por Javé a Abraão foi determinante ao longo do Antigo Testamento e mandato de ser uma benção se estendeu a nação de Israel se estendeu para ser luz a outras nações. Conseguimos expor que todo o propósito de missões partiu de uma iniciativa do próprio Deus se revelar, e dessa forma, se constituiu em missiva para este povo. No entanto, buscamos refletir que diferentemente da noção de missão no Novo Testamento, que tem um caráter proselitista, no Antigo Testamento, e nos primeiros profetas essa ideia de missões, como saindo de um contexto cultural e entrando em outro só foi entendido a partir da diáspora judaica. Nesse ponto, conseguimos abordar, como a ideia de fazer missões conhecida nos dias de hoje pode ser vista nos profetas que estiveram nesse contexto. Missões é na atualidade o deslocamento de um determinado indivíduo para outro país, ou lugar diferente do seu lugar de origem com a incumbência de ser mensageiro de Deus naquele local, e é justamente essa ideia que encontramos nos profetas que estiveram no cativeiro Babilônico.

Todavia, analisamos como o pentateuco tratou a questão do envio com o chamado de Abraão, o desafio de José e a missiva de Moisés. Ainda que não fosse nos moldes de missões como a concebemos hoje, esses três exemplos trazem clareza quando a forma como Deus revelou-se a eles e a missão que ambos tinham por terem sido portadores dessa revelação e o propósito das missões a eles destinados.

Dessa maneira, propusemos a analisar como os profetas pós-exílico, a saber, Ageu e Zacarias tiveram esse caráter mais universal ao proferir em seus oráculos a perspectiva escatológica que todos os povos seriam reunidos para adorar a Javé, sendo estes um só povo e uma só nação. Compreendemos, porém que este trabalho contribui para uma abertura de pensamento de uma visão de missões ligada ao Antigo Testamento, saindo de uma pegada de pregação e imergindo em uma visão mais acadêmica ao relacionar a revelação no A.T e sua relação com missões, procuramos, assim cooperar de maneira simples, porém solidamente no entendimento desses termos correlacionados. Todavia, sabemos das limitações a

maiores reflexões quando ao assunto, todavia, as limitações podem enxergadas como um ensejo para que haja aprofundamento na temática em novas produções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Warren e CARPENTER, Eugene. **Dicionário Completo de Estudo de Palavras: Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: AMG publishers, 2003.

BAVINCK, Herman. **Teologia Sistemática: Fundamentos Teológicos da Fé Cristã**. Grand Rapids: Baker Book House, 1997.

BAVINCK, Herman. **Teologia Sistemática: volume 1**. Londrina, PR: Livrarias Família Cristã, 2022.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz Para o caminho, 1990.

Bíblia de Estudo NAA. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

Bíblia de Estudo Palavra-Chave Hebraico e Grego. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015

BOSCH, David J. **Missão transformadora: Mudanças de paradigmas na teologia da missão**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

DAVIDSON, Benjamin. **Léxico analítico hebraico e caldaico**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia**. - 3. ed. rev. – São Paulo: Vida Nova: 2006.

ENNS, Paul. **Manual de teologia Moody**. São Paulo – SP: Editora Batista Regular, 2008.

ERIKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. - 4. ed. – Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

GABEL, John; WHELLER, Charles. **A Bíblia como literatura: uma introdução**. São Paulo: Loyola, 1993.

HARRIS, R. Laird. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

KAISER, Walter C. **Missão no Antigo Testamento: Israel como luz para as nações**. São Paulo - Editora: Peregrino, 2000.

KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1984.

LADD, George Eldon. **Teologia do novo testamento**. Editora Hagnos, 2020.

LEWIN, Helena. **Ressonância e dissonância judaicas: a diáspora e o exílio como objetos do literário**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 3, n. 4, p. 28-37, 2009.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica** Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

LOPES, Hernandes Dias. **Daniel: um homem amado no céu**. São Paulo, SP: Hagnos, 2005.

LOPES, Hernandes Dias. **Neemias: O líder que restaurou uma nação**. São Paulo, SP: Hagnos 2006.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MUBARAK, Caleb. **MISSIOLOGIA DA DIÁSPORA: COEXISTÊNCIA E OPORTUNIDADES EM UM MUNDO SEM FRONTEIRAS**. Revista de Reflexão Missiológica, v. 1, n. 1, p. 57-67, 2021.

OLIVEIRA, M.M de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

PETERS, George W. **Teologia Bíblica de Missões**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 2000;

QUEIRUGA, Torres. **A revelação divina hoje: uma percepção do agir de Deus na história a partir do pensamento de Andrés**. 2017. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia: História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

SAYÃO, Luiz Alberto. **Bíblia Brasileira de Estudo**. São Paulo: Hagnos, 2016.

SCHÖKEL, Luiz Alonso. **Dicionário Bíblico Hebraico – Português**; São Paulo: Editora Paulus, 1997.

SMITH, Ralph Lee. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia Sistemática**: prefácio de Russel Shedd. São Paulo: Hagbis, 2003.

STRONG, James. **Dicionário Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: AMG publishers, 1992.

TOMAYIO, Juan José. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WESTERMANN, Claus. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1987.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: Volume IV, Profético**. Santo André, SP, 2006.

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens: Uma introdução à Bíblia**; 1ª. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: Uma teologia bíblica da missão da Igreja**. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.